Júpiter Supremo Sumo: uma inscrição inédita de Orjais: (Covilhã)

Autor(es): D'Encarnação, José; Geraldès, Francisco

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45705>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_21_4

Accessed : 26-Apr-2023 12:56:47

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXI

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1982

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Assistente da Faculdade de Letras de Coimbra

FRANCISCO GERALDES

Decorador e projectista (Covilhã)

**JÚPITER SUPREMO SUMO — UMA INSCRIÇÃO INÉDITA
DE ORJAIS (COVILHÃ)**

Conimbriga, XXI (1982), p. 135-142

RESUMO: Uma dedicatória inédita a Júpiter, dos começos do Império, apresenta dois motivos de interesse: a dedicante é uma indígena, cujo nome (*Dobiteina*) apresenta particularidades filológicas a realçar; o deus é invocado sob dois epítetos — Supremo e Sumo — que, atestados pela primeira vez na epigrafia, se prendem decerto com a linguagem oral.

RÉSUMÉ: Une dédicace inédite à Iuppiter, du début de l'Empire, présente deux particularités: le dédicant est une indigène dont le nom (*.Dobiteina*) est important du point de vue philologique; la divinité est invoquée sous deux épithètes — *Supremus* et *Summus* — jusqu'ici inconnus des textes épigraphiques et pris sans doute du langage oral.

(Página deixada propositadamente em branco)

JÚPITER SUPREMO SUMO

UMA INSCRIÇÃO INÉDITA DE ORJAIS

Torna-se cada vez mais evidente que — tanto no Noroeste da Península Ibérica como ñas zonas da Lusitânia onde a população mantém traços pré-romanos na sua identificação — o culto a Júpiter se mostra florescente, a par da vitalidade indesmentível dos cultos indígenas.

Alain Tranoy e Patrick Le Roux vêm-no demonstrando nos últimos anos em relação ao Noroeste ⁽¹⁾; os novos achados na área da Beira Baixa comprovam-no ^(1 2) ; a existencia dum possível santuário a Júpiter Repulsor na região de Nisa⁽³⁾ e a abundância

(1) Uma primeira achega fora dada por ambos em *Rome et les indigènes dans le nord-ouest ibérique*, «Mélanges de la Casa de \ elázquez», IX, 19/3, p. 218-221. A ideia foi retomada por exemplo em *Nouveau témoignage du culte de Jupiter dans le conventus bracarum*, «Minia», 2.^a série, ano II, n.º 3, 1979, p. 57-60, onde se escreve nomeadamente que a já longa lista de dedicatórias a Júpiter encontradas na região de Braga confirma «o importante papel deste culto nesta zona em que abundam aliás as divindades indígenas», acrescentando-se que tais dedicatórias «podem ocultar na realidade uma divindade indígena assimilada a este grande deus clássico» (p. 59). Mais recentemente, A. Tranoy frisou o mesmo aspecto: *Romanisation et monde indigène dans la Galice Antique: problèmes et perspectives*, «Primera Reunión Gallega de Estudios Clasicos», Santiago de Compostela 1981, p. 119.

(2) JOÃO LUÍS YAZ, *Inscrições Romanas do Museu do Fundão*, «Conimbriga», XVI, 1977, p. 7-8; L. PLÁCIDO, «*Uma inédita a Júpiter Ótimo Máximo*», «Conimbriga», XVII, 1978, p. 55-58.

(3) JOSÉ d'EXCARNAÇÃO, *Epigrafia Romana do Nordeste Alentejano — Nisa, Torre de Palma e Silveirona*, «Conimbriga», XVI, 1977, p. 62-65.

de aras a I. O. M. no território amaiense⁽⁴⁾ — confirmam-no também.

Por isso se nos afigura do maior interesse o monumento que ora damos a conhecer: além de dedicado por um indígena, como a maior parte dos demais, documenta uma invocação até agora não registada epigraficamente (ao que saibamos).

A ara foi encontrada deitada, há uns vinte e cinco anos, na Quinta da Mourata, freguesia de Orjais, concelho da Covilhã, quando surribavam a terra para plantar uma vinha. É propriedade do Sr. João Borges Terenas Sobrinho, dono da quinta, em cuja casa está depositada até entrar para o Museu Municipal da Covilhã (em formação) ⁽⁵⁾.

O local de achado, à cota aproximada de 560 m, não muito afastado da E. N. 18 ao Km 32 500, situa-se cerca de dez metros a sul dum rochedo com sepultura cavada na rocha, hoje destruída. Aí se recolheram fragmentos de *tegulae*, *dolia* e cerâmica comum. Uns 1400 metros a sudeste fica a povoação da Borralheira, onde, em 10 de Dezembro de 1953, foi encontrado um tesouro, datável do princípio do séc. m, hoje no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia: dele constavam, entre outras peças, quarenta *aurei*, um colar, um par de brincos, quatro anéis de ouro, quatro fragmentos de colheres em prata ⁽⁶⁾.

⁽⁴⁾ J. d'Encarnação sublinhou esse facto na exposição apresentada ao V Colóquio de História Antiga (Oviedo, 1-3 Abril 1981), *A religião romana não-oficial nas colónias e municípios da Lusitânia durante o Alto Império*. Rectificou então algumas leituras apresentadas por E. JALHAY, *Epigrafia amaiense. Contribuição para o estudo de Aramenha romana (concelho de Marvão)*, «Brotéria», XLV, 1947, p. 615-633.

⁽⁵⁾ Agradecemos-lhe a oportunidade de estudar o monumento e as facilidades concedidas para o fotografar.

⁽⁶⁾ MANUEL HELENO, *O tesouro da Borralheira (Teixoso)*, «O Arqueólogo Português». 2.^a série, II, 1953, p. 213-226.

Em granito de grão fino, cor acinzentada, a ara pesa 100kg; esfacelada nas arestas, está bastante gasta, pois há mais de vinte anos que se encontrava num muro da quinta, sujeita à acção desgastadora do tempo, criando musgos — a incisão das letras já pouco se nota à vista desarmada, sem iluminação rasante.

Sobre a cornija, saliente, dois toros lisos, que limitam uma depressão suave em jeito de fóculo. Sob ela duas molduras sucessivas, em garganta directa, separadas por um listei plano, a inferior mais estreita e curta, como aliás se pode ver pelos desenhos (onde, mais do que reproduzir exactamente a peça na actualidade, procurámos mostrar como deveria ter sido). A inscrição ocupa o fuste, apenas deteriorado no lado esquerdo — as mossas afectaram) minimamente o D (1. 1), bastante mais o A quebrado pela barra (1. 2), e a quase totalidade do I (1. 3) de que só resta um pouco da terminação inferior. A base tem moldura do tipo garganta reversa com listei. No todo, um monumento gracioso, denotando a tendência da(s) oficina(s) epigráfica^ da zona em dar(em) uma boa importância volumétrica ao capitel.

Dimensões :

$$66 \times \left\{ \begin{array}{l} 34 \text{ (cornija)} \\ 26,5 \text{ (fuste)} \\ 33 \text{ (base)} \end{array} \right\} \times \left\{ \begin{array}{l} 26 \\ 18 \\ 25,5 \end{array} \right\}$$

Campo epigráfico: 25,5 X 26,5.

DOBITEIN/A DOQVIRI F (*ilia*/ [I]OVI . SVP(remo) . SV/MO.
VOTVM L (*ibens*)A (*nimo*)S [*olvit*).

Dobiteina, filha de Doquiro, cumpriu de boa mente o voto a Júpiter Supremo Sumo.

Altura das letras: 1. 1 e 2: 4,5; 1. 3: 4,5 e 3,5; 1. 4: 3,5.
Espaços: 1: 2; 2 e 3: 1,5; 4: 2; 5: 1,5.

*

* *

Paginação muito cuidada, com alinhamento à esquerda e à direita; texto bem colocado em altura, regularmente. Nem quase se nota a incorrecção gramatical na transliteração DOBITEIN/A. A pontuação não existe sempre onde era necessária — presente (pontos redondos) a separar bem o teónimo e seus epítetos (1. 3 e 4), parece faltar no resto da epígrafe; e dizemos «parece», porque o mau estado da superfície epigrafada nos impossibilita uma certeza. Na 1. 2, o lapicida recorreu a um Q de corpo mais pequeno que as demais letras e haste oblíqua longa até quase ao vértice do V seguinte. Na 1. 4, o nexu VM une-se à barra do T anterior e parece estar também ligado ao L seguinte; a exiguidade do espaço obrigou, de resto, a encavalitar as últimas três letras, reduzindo o seu tamanho. Dum modo geral, porém, os caracteres apresentam-se actuários e atrevemo-nos a dizer que só não foram do tipo monumental quadrado devido à dificuldade de gravar em granito: veja-se a circularidade do 0 nas três primeiras linhas, toda a linha 1, a simetria do primeiro S da 1. 3, o P não fechado.

* *

A dedicante, uma indígena, identifica-se como é de uso: um só nome e filiação (nome do pai em genitivo seguido de *filia*).

Os antropónimos registados são caracteristicamente peninsulares, lusitânicos mesmo. Essa é, pelo menos, a conclusão a que chegamos, analisando a sua distribuição na Península. No I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Peninsula Iberica (1974), pôde M. Lourdes Albertos actualizar os mapas 37 e 38 de J. Untermann (7): na pág. 80 das Actas (Salamanca 1976) apresenta aquele em que inclui *Doqairus*; na pág. 81, o mapa

(7) *Elementos de un Atlas Antroponimico de la Hispania Antigua*, Madrid, 1965.

assinala apenas uma *Dobiteina*, no que não há novidade em relação ao que a mesma autora publicara anos antes ⁽⁸⁾.

De ambos os antropónimos existem grafias várias, correspondentes quicá a áreas linguísticas distintas. Da forma *Doquir-*assegura Untermann (o. c., p. 105) que ela «está circunscrita à Lusitânia oriental». Quanto às variantes *Dobiteina* / *Doviteina* / *Dovidena* / *Dovitena*, escreve o mesmo linguista :

«Do ponto de vista fonético, depreende-se que *v* (escrito *v* ou *b*) se conserva a sul do Douro, enquanto que se perde a norte; igualmente, as formas com *t* predominam no sul e a com *d* no norte» (o. c., p. 107).

O nosso exemplo confirma, pois, as teses apontadas.

No entanto, é pelo inusitado da invocação a Júpiter que a ara de Orjais merece um lugar à parte.

Efectivamente, a divindade clássica do panteão romano surge aqui não como *I. O. M.* mas sim acompanhada de dois epítetos — *Supremus*, *Summus* — cuja ocorrência epigráfica não encontramos atestada. E o mais curioso é justamente que o seu uso na literatura parece abundante. Em Plauto, por exemplo:

— «Serva, *Iuppiter supreme*, et me et meum gnatum mihi» (*Cap.* 976);

— «luno filia et Saturnus patruus et *summus Iuppiter*» (*Cist.* 2.1.40);

— «*Iuppiter supreme*» (*Men.* 1114).

E em Cícero:

— «Gratias tibi ago, *summe Sol*, vobisque, reliqui Caelites» (*De Rep.* I, I (9)).

⁽⁸⁾ *La Onomastica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, p. 106, mapa 4. Na realidade, além do exemplo de Hinojosa del Duero (HAE 1267 = *ILER* 2849), temos um outro em Idanha-a-Velha (*ILER* 2422); em ambas as inscrições o modo de identificação é idêntico ao da presente ara: a primeira diz-se *Auloni* /^{ta}, a segunda *Maelonis* f.

Ocorre, pois, interrogarmo-nos sobre o real significado desta invocação — para mais, aqui com um dos epítetos abreviado e o outro escrito apenas com um M. As referências literárias citadas apontam para a utilização dos epítetos *Supremus* e *Summus* predominantemente na linguagem falada. Desta forma, eremos que o presente texto poderá representar um caso de transposição — directa, simples, ingénua — do falar corrente para a linguagem epigráfica, habitualmente mais estereotipada, obedecendo a outros cânones. E não nos parece inadmissível imaginar que, tendo ouvido elementos mais romanizados invocarem assim na vida corrente o deus supremo, a dedicante, ainda pouco integrada no esquema religioso dos Romanos ⁽⁹⁾, haja mandado passar para a pedra o que no quotidiano era hábito entender.

Até que ponto este *Iuppiter Supremus Summus* é a divindade clássica romana, na plena acepção da palavra, ou a encarnação dum deus supremo, resultante da interpenetração de dois mundos religiosos — o romano e o indígena? Torna-se difícil optar. Mas, a termos que optar, preferíamos ver em *Dobiteina* a mulher simples que, deslumbrada pelas roupagens em que se apresentava o deus do Romano vencedor, o venera como tal, assim mesmo, ausente de todo o contexto religioso indígena em que seus pais um dia se moveram e porventura a educaram.

(9) Pela paleografia, o texto pode datar-se do séc. I da nossa era.

(Página deixada propositadamente em branco)